

# Crônicas sem asteriscos<sup>1</sup>

## Chronicles Without Asterisks

Roberto Andrade Neto\*

**C**omo escrever crônicas num portal que circula no estado que viu nascer Rubem Braga, Carlinhos de Oliveira e Marzia Figueira? Mara Coradello diz ter respondido a essa temível pergunta escolhendo a simplicidade como resposta. Fazendo crônicas para serem lidas no tempo de um cafezinho ao lado do jornal, porque quase ninguém hoje em dia tem tempo para fausto na primeira hora do dia.

A escolha de Coradello é exemplificada, segundo ela própria, por dois trechos de escritores que ela sempre cita nas oficinas em que leciona:

---

<sup>1</sup> ANDRADE NETO, Roberto. Crônicas sem asteriscos (Orelha). In: CORADELLO, Mara. *Armazém dos afetos*. Vitória: Edufes, 2009.

\* Heterônimo criado por Mara Coradello, para expor ironicamente uma visão crítica a respeito de suas crônicas.

- 1) A primeira é a citação de Rilke: “utilize, para se exprimir, as coisas do seu ambiente, as imagens dos seus sonhos e os objetos de sua lembrança. Se a própria existência cotidiana lhe parecer pobre, não a acuse. Acuse a si mesmo, diga consigo que não é bastante poeta para extrair as suas riquezas”
- 2) A segunda citação ela não se lembra, e numa caótica poética sem fronteiras, que cita Mario de Andrade em sua máxima utilizada por todo aconselhador de jovem autor “Todo escritor acredita na valia do que escreve. Si mostra é por vaidade. Si não mostra é por vaidade também\*”; Raimundo Carrero e frases suas, da própria Mara, como “sou uma dessas pessoas sem asteriscos”, não conclui o pensamento, atende o telefone, sai pela tangente. Sem asteriscos é sem coisas escondidas? Eu pergunto, para logo em seguida contar a ela que na minha orelha estará um asterisco para explicar o “si” de Mario de Andrade.

Bem, sairei dos tópicos apenas para ressaltar que Mara não me explicou Mara Coradello, mas me explicou em suas crônicas coisas da existência, da cidade (seja ela qual for), dos amores e da delicadeza. E principalmente: me fez formular novas perguntas.

E uma orelha de livro nunca foi tão literalmente uma orelha de livro: tem a vontade de ser apenas um ouvido dessa escritora que nos premia com trechos por vezes constrangedores e com minúcias que insistimos em não ver, e nos alegra com afetos que esquecemos.

Como ela mesma diz: “Somos seres que não vislumbram o grande, precisamos voar com asas falsas, usar telescópios e toda uma parafernália para divisarmos o apenas grandinho, imagine se vemos mesmo o incognoscível”?

---

\* Com “si” mesmo, *ipsis litteris*.

Então veja detalhes pequenos da existência transformarem-se no que é mais importante pela lente de aumento elogiosa do cotidiano e pela poética da trivialidade, tão caras no gênero crônica. Um último conselho: não siga a ordem das páginas e empreste o livro aos amigos.



Capa e contracapa de *Armazém dos afetos* com a orelha de Roberto Andrade Neto [Mara Coradello].